

# incipit

WORKSHOP DE ESTUDOS MEDIEVAIS  
UNIVERSIDADE DO PORTO  
2021 | 13ª EDIÇÃO



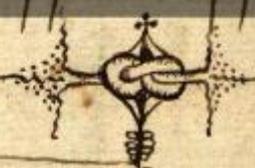
COORDENAÇÃO DE  
ANA CLARINDA CARDOSO, ANDRÉ RODRIGUES,  
J. CARLOS TEIXEIRA, PAULO MORGADO E CUNHA  
RUBEN FILIPE TEIXEIRA DA CONCEIÇÃO.

SILVANA R. VIEIRA DE SOUSA

Confirmacio De Celso lino do privilegio del liolliao qpprimos fuz m.  
em portugul. Salua Conseruaoe e visitacone maioris Magistry.

Celestinus. Epus seruus seruoz dei. Dilectis fillijs. . . Haec pro uin  
ciali et vniuersis Comendatorib' et fratrib' domus. Saluac Sancti Jacobi in  
portugalie et algariby Regne. Salt. et aplicam ben. Diligentes iustitiam et  
odio abentia, in qua sicut laborib' et animo plu  
ralitatis cupit undiqz nobis inueniamur multipliciter ducturto per importunita  
tem petentium uel alias, captiose, petitione, que interdum. superflacemus pre  
tendente iustitiam discurrere postmodum iustitiam continent non concedenda.

UNIVERSIDADE DO PORTO  
FACULDADE DE LETRAS  
BIBLIOTECA DIGITAL, 2022



## **Ficha técnica**

Título: Incipit 10. Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto, 2021  
Coordenadores: Ana Clarinda Cardoso, André Rodrigues, J. Carlos Teixeira, Paulo Morgado e Cunha, Rúben Filipe Teixeira da Conceição, Silvana R. Vieira de Sousa  
Editor: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital  
Local de edição: Porto  
Ano de edição: 2022  
ISBN: 978-989-9082-13-7  
Capa: Ana Clarinda Cardoso  
Composição e paginação: J. Carlos Teixeira e Rúben Filipe Teixeira da Conceição

Grupo Informal de História Medieval  
Universidade do Porto, Faculdade de Letras  
Via Panorâmica 4150-564 Porto Portugal

[www.gihmedieval.com](http://www.gihmedieval.com)

## O problema da unidade cosmológica na metafísica de Tomás de Aquino

*Maria Eduarda Machado*<sup>1</sup>  
**Universidade do Porto**

### **Resumo:**

Esta investigação examina a natureza do hiato ontológico entre Deus e a criação na metafísica de Tomás de Aquino partindo do estudo da natureza e atributos divinos. Analisa o modo como Tomás de Aquino trata esse hiato e valida uma argumentação a favor da sua superação, formulando uma interpretação unitária do cosmo, na metafísica tomista. Parte-se da conceção tomista segundo a qual a unidade divina é o princípio unificador dos domínios da realidade. Aprofunda a resolução da aporia referente à relação entre a essência imutável divina e da sua atividade simultânea com o universo feita pelo Angélico, focando quer a explicação do Aquinense acerca da natureza da relação entre o uno e múltiplo, do imanente e do transcendente, quer os conceitos lógicos e ontológicos de participação e analogia.

### **Palavras-chave:**

Tomás de Aquino, Metafísica, Uno-Múltiplo, Deus

### **Abstract:**

This investigation examines the nature of the ontological gap between God and creation in the metaphysics of Thomas Aquinas based on the study of nature and of divine attributes. It analyses the way Thomas Aquinas treats this gap and validates an argument in favour of overcoming it, formulating a unitary interpretation of the cosmos, in Thomistic metaphysics. It starts with the Thomist conception that the divine unity is the unifying principle of the realms of reality. It deepens the resolution of the aporia regarding the relationship between the immutable divine essence and its simultaneous activity with the universe made by Angelico, focusing both on Aquinas' explanation of the nature of the relationship between the one and the multiple, the immanent and the transcendent, logical, and ontological concepts of participation and analogy.

### **Key words:**

Thomas Aquinas, Metaphysics, One-Multiple, God

## **1. Introdução**

Este artigo apresenta os pontos principais da investigação em desenvolvimento para tese de doutoramento na área da Filosofia, especificamente no estudo da filosofia medieval.

---

<sup>1</sup> Bolseira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, referência 2020.08348.BD doutoranda do Programa Doutoral em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigador do Instituto de Filosofia – Medieval & Early Modern Philosophy.

Esta investigação examina a natureza do hiato ontológico entre Deus e a criação na metafísica de Tomás de Aquino partindo do estudo da natureza e atributos divinos. Analisa o modo como Tomás de Aquino trata esse hiato e valida uma argumentação a favor da sua superação, formulando uma interpretação unitária do cosmo, na metafísica tomista.

Acredita-se que a filosofia medieval tem uma grande importância para o desenvolvimento quer da metafísica quer da ciência em geral a nível conceptual e qualitativo.

Os grandes metafísicos, sobretudo os medievais, confrontaram-se com as questões limite da metafísica. Desenvolveram estruturas conceptuais de carácter mais qualitativo, mas de grande nível de abstração, de validade lógica e de uma radicalidade incedível. O cunho lógico e o cunho aristotélico da metafísica medieval constituem pontos de partida adequados para metafísicas capazes de responder às necessidades especulativas geradas pela teorização matemática da física.

A física teórica vê-se confrontada com questões limite em torno do momento zero da existência - Big Bang -, desenvolvendo estruturas matemáticas poderosíssimas cujo desenvolvimento requer também uma nova profundidade conceptual para fortalecer o conhecimento acerca do universo. Tal como para trabalhar as questões últimas sobre a realidade é necessário ter um conhecimento científico sólido, é igualmente preciso, para que a ciência avance respostas mais eficazes, que a filosofia contribua com conceptualizações avançadas e arrojadas, quer totalmente novas, quer com aperfeiçoamentos às respostas já existentes. Gaven Kerr foi mais longe. No seu recente livro *Aristotle's Revenge: The Metaphysical Foundations of Physical and Biological Science*<sup>2</sup>, explica como a base do próprio método científico e consequentemente do conhecimento adquirido por esse processo, têm alicerces profundos na filosofia natural e metafísica de Aristóteles. Como será possível verificar a seguir, no *Enquadramento*, tanto as problemáticas como as respostas formuladas pelos escolásticos são atuais e pertinentes e muito debatidas. Discutir filosofia medieval continua a ser debater filosofia contemporânea.

As questões epistemológicas, lógicas, da filosofia da linguagem e da mente têm todas uma grande questão de fundo: porquê este mundo e não outro. À qual se juntam outras questões: é o mundo caótico ou ordenado; se é ordenado porquê e quais os seus

---

<sup>2</sup> Edward Feser, *Aristotle's Revenge - The Metaphysical Foundations of Physical and Biological Science* (Germany: editiones scholasticae, 2019).

princípios; se não é ordenado qual a razão da sua natureza caótica, se é que é possível descobri-la. A questão acerca da relação entre uno e múltiplo tem milhares de anos e é incontornável na medida em que é basal para a formulação de uma resposta concisa às questões sobre a ordenação cósmica.

Apesar de estas relações remontarem aos pré-socráticos, os pensadores medievais, pela dificuldade de se defenderem contra visões pagãs predominantes no início do período patrístico, de encontrarem maneiras racionais de explicar assuntos do âmbito da fé, adotaram e sistematizaram muitos dos conceitos gregos até então conhecidos. Posteriormente, este trabalho foi enriquecido não só pelo esforço intelectual, como também pela inserção das obras de Aristóteles na escolástica latina, proporcionada por Alberto Magno. Gerou-se, então, uma diversa e dinâmica discussão entre as perspetivas platónica e aristotélica que exponenciou o pensamento filosófico cristão e tornando-o o sucessor de uma atividade que desde a última parte da era patrística parecia ter adormecido. O facto de a filosofia medieval ter de responder a determinados critérios teológicos não a impediu de se tornar fecunda enquanto filosofia própria, que procura a verdade pelo rigor do pensamento. Pelo contrário, esta cintura que lhe foi posta tornou-a metódica e rigorosa, tornou-a analítica. O que por um lado foi uma clausura à liberdade do pensamento, foi por outro uma modulação exigente e benéfica ao tratamento dos assuntos gregos.

Estas ideias estão na base da pesquisa a seguir apresentada. Quanto à escolha do autor, entende-se que este representa o culminar deste processo de disciplina do pensamento filosófico ocidental. Ao dizer que o Angélico representa o culminar deste desenvolvimento não se lhe está a atribuir responsabilidade total sobre este processo, nem protagonismo, pelo contrário, está-se a notar o trabalho rico que foi feito por todos os outros autores bem conhecidos (Santo Agostinho, Boécio, Pseudo-Dionísio, Escoto Erígena, Abelardo, Alberto Magno, entre tantos outros) até à sua época e do qual o Aquinense é reflexo.

Tomás de Aquino compatibilizou e quase dissolveu as doutrinas platónica e aristotélica num pensamento autónomo e fundador de uma corrente filosófica à qual se dá o nome de Tomismo. Isto torna-o um dos mais originais e interessantes pensadores da Idade Média para o tratamento da questão em estudo: a questão da unidade cosmológica. A motivação desta pesquisa prende-se igualmente ao facto de haver intenção de dar continuidade à investigação feita no âmbito de outros trabalhos, a par de um profundo e íntimo interesse pelas questões do uno e do múltiplo.

Este trabalho pretende ser um contributo para os estudos na área da história da filosofia e um contributo indireto para outras áreas científicas na medida em que trata temas e conceitos de interesse transversal nas várias áreas do conhecimento.

## **2. Apresentação do projeto**

### **2.1. O problema da unidade cosmológica na metafísica de Tomás de Aquino**

O projeto foca-se na área da metafísica e doutrinas da origem. A investigação insere-se no panorama contemporâneo de discussão acerca da **unidade** cosmológica presente na teoria metafísica da criação de Tomás de Aquino.

Autores como Étienne Gilson<sup>3</sup> e Gaven Kerr,<sup>4</sup> também W. Norris Clarke<sup>5</sup> e Robert Pasnau,<sup>6</sup> ou Jean-Pierre Torrell<sup>7</sup> interpretam o sistema metafísico de Tomás como tendo claramente uma relação unitária entre as coisas e Deus, ou pela unicidade do ser, ou pela gradação de atualidade, ou pela noção imanência e transcendência. No entanto, os trabalhos que tratam esta questão diretamente são uma minoria dentro daquilo que constitui o total dos estudos tomistas.

A leitura teísta da filosofia do Aquinense é a mais predominante, acentuando uma indiscutível distinção entre Deus e a criação e mesmo uma exterioridade.<sup>8</sup> Descreve, também, uma ligação entre ambos pela imanência de Deus nas coisas, pela Sua presença incontida. Esta ligação não requer, porém, que haja unidade na cosmologia tomasiana, garante apenas que há uma ligação insolúvel entre Deus e as coisas pelo ato de criação e sustentação destas.

O problema da unidade cosmológica neste modelo metafísico sustenta-se na dificuldade em entender se a distinção ontológica gera inevitavelmente um fosso e se esse fosso é superável por um alargamento da compreensão do estatuto e do valor ontológico quer de Deus, quer das criaturas, por via de uma leitura com base em

---

<sup>3</sup> Étienne Gilson, *God and Philosophy* (New Haven: Yale University Press, 1941).

<sup>4</sup> Gaven Kerr, *Aquinas and the Metaphysics of Creation* (New York: Oxford University Press, 2019).

<sup>5</sup> W. Norris Clarke, *The One and the Many -A Contemporary Thomistic Metaphysics*, *Angewandte Chemie International Edition*, 6(11), 951–952. (Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press, 2001).

<sup>6</sup> Pasnau, Robert, “Excursus Metaphysicus: Reality as actuality” in *Thomas Aquinas on Human Nature* (Cambridge: Cambridge University Press, 2001). J.-P. Torrell, *Thomas d’Aquin Maître spirituel* (Paris).

<sup>7</sup> J.-P. Torrell, *Thomas d’Aquin Maître spirituel* (Paris: Vestigia Cerf – Editions universitaires de Fribourg, 1997).

<sup>8</sup> Rudi te Velde, “God and the Language of Participation” in *Divine Transcendence and Immanence in The Work of Thomas Aquinas* (Utrecht: Thomas Instituut te Utrecht, 2005).

princípios mais versáteis e transversais aos próprios componentes da metafísica tomasiana: relações de uno e múltiplo. Esta relação está presente no sistema de Tomás de Aquino sob os desígnios do conceito de participação, que se prende obrigatoriamente ao conceito de analogia. Estas noções apresentam alguns problemas ao apuramento da questão e formulação de resposta, como será apresentado a seguir.

## 2.2. Enquadramento historiográfico

Há espaço para propor uma leitura do cosmo tomista como uma unidade que é garantida pela unidade divina. As formulações existentes deste tipo de interpretação têm sido feitas sob aspetos diferentes da metafísica de Tomás. Algumas são propostas abertas e formais, estando outras implicitamente presentes na interpretação de certos especialistas. Étienne Gilson<sup>9</sup> e Gaven Kerr,<sup>10</sup> proponente e atual seguidor, respetivamente, têm conceções distintas do tomismo existencialista. A noção existencialista enfatiza principalmente a relação de unidade entre Deus e os entes, a partir da participação dos entes na existência primordial, divina. Na opinião destes dois autores, a visão unitária está implícita e não é posta em causa, surgindo naturalmente da interpretação existencial da metafísica do Angélico.

De outro modo, também W. Norris Clarke<sup>11</sup> e Robert Pasnau<sup>12</sup> formulam interpretações unitárias da realidade. W. Norris Clarke concebe um sistema metafísico inspirado na tradição tomista,<sup>13</sup> no qual interpreta e articula os elementos da metafísica tomasiana de forma peculiar e inortodoxa. Defende uma visão mereológica do cosmo. As suas partes inter-relacionam-se e correlacionam-se com Deus, criando um sistema altamente dinâmico- *relational metaphysics*. Clarke aproxima-se, assim, do panenteísmo de vertente whiteheadiana. Esse dinamismo advém da dinâmica presencial do ato de existir – participação - que manifesta o *Ser*. Distintamente, Robert Pasnau assinala a unidade do cosmo pela noção de atualidade. Propõe uma realidade espectral, cujas extremidades são pura potencialidade e pura atualidade. As diferentes instâncias do real são gradações diferentes de atualidade. Esta perspetiva não está ainda suficientemente sustentada nos trabalhos de Pasnau.

---

<sup>9</sup> Étienne Gilson, *God and Philosophy* (1941).

<sup>10</sup> Gaven Kerr, *Aquinas and the Metaphysics of Creation* (2019).

<sup>11</sup> W. Norris Clarke, *The One and the Many - A Contemporary Thomistic Metaphysics* (2001).

<sup>12</sup> Robert Pasnau, "Excursus Metaphysicus: Reality as actuality" (2001).

<sup>13</sup> Doutrinas Tomistas – referem-se a doutrinas que derivaram da filosofia de Tomás de Aquino; Doutrina Tomasiana – filosofia original de Tomás de Aquino.

Por sua vez, embora numa linha muito mais teológica do que filosófica, Jean-Pierre Torrell<sup>14</sup> menciona essa relação unitária entre Deus e os entes na metafísica da criação do Aquinense explicando-a através das noções de imanência e transcendência divinas. Esta visão pode ser considerada também superadora do hiato teísta e próxima do panenteísmo.

O panenteísmo foi preconizado por Karl Christian Krause e antecipado por várias figuras ao longo da história da filosofia, segundo John. Cooper.<sup>15</sup> Neste âmbito são feitos comentários à metafísica tomista do ponto de vista da filosofia do progresso de Alfred North Whitehead. Autores como John B. Cobb,<sup>16</sup> Burton Z. Cooper,<sup>17</sup> Kirk Wegter-McNelly<sup>18</sup> e Thomas E. Hosinski<sup>19</sup> focaram-se nesse diálogo com o objetivo teológico de apurar a natureza de Deus e da sua ação.

### **2.3. Pontos de partida e problemas**

O problema da maioria dos trabalhos está na redução da essência do tomismo a uma parte dos seus elementos.<sup>20</sup> Este projeto pretende evitar o risco de uma leitura redutora, que possa contribuir para uma desfiguração da essência profunda do pensamento de Tomás propondo o estudo de elementos transversais na metafísica do Aquinense.

Trabalhar o problema da unidade cosmológica no pensamento de Tomás de Aquino requer que se investigue a relação real entre Deus e a criação e o seu fundamento. Essa relação aparece na forma de participação e analogia.

A analogia é a forma adequada de predicação de qualquer coisa. Todas as coisas participam por semelhança em realidades mais perfeitas, quer entre si, segundo as categorias do ser, quer em relação aos graus de perfeição ou graus do ser com relação à substância. A analogia do ser é feita nestas duas orientações – horizontal e vertical.

---

<sup>14</sup> J.-P. Torrell, *Thomas d'Aquin Maître spirituel* (1997).

<sup>15</sup> John W Cooper, *Panentheism the Other God of the Philosophers - from Plato to the Present* (United States of America: Baker Academic, 2006).

<sup>16</sup> John B. Cobb Jr., *A Christian Natural Theology* (Claremont:1965).

<sup>17</sup> Burton Z. Cooper, *The Idea of God a Whiteheadian Critique of St. Thomas Aquinas' Concept of God* (The Hague: Martinus Nijhoff, 1974).

<sup>18</sup> Kirk Wegter-McNelly, *The Entangled God: Divine Relationality and Quantum Physics* (New York: Routledge, 2011).

<sup>19</sup> Thomas E. Hosinski, *Thomas Aquinas and Alfred North Whitehead on God's Action in the World* (Open Theology, 2015: 1: 269–276).

<sup>20</sup> Bernard Montagnes, *The Doctrine of the Analogy of Being According to Thomas Aquinas* (Milwaukee: Marquette University Press, 2004).

Porque corresponde ao método de predicação adequado corresponde também ao princípio basal do processo epistémico concebido por Tomás.<sup>21</sup>

A analogia, apesar do seu cunho semântico, tem uma extensão ontológica. A realidade é uma gradação de perfeições. Por isso, a realidade é composta por diferentes graus e tipos de semelhança, proporcionando também a dissemelhança. Mas a razão da gradação parece residir na própria participação: cada coisa participa de uma determinada essência, ou perfeição; cada coisa é perfeita à sua medida; todas as coisas participam *das* perfeições divinas e são perfeitas em proporção.<sup>22</sup>

A participação refere-se não só à estipulação da categoria nas coisas como também à participação destas *do* Ser. Esta noção apela, portanto, a uma relação ontológica entre Deus e as criaturas. Apresenta um sistema constituído por aquele do qual se participa, Deus, e aquele que participa *de*, a criação. Este é um daqueles aspetos que evidencia uma relação insolúvel por um lado, por outro uma exterioridade que fissa essa mesma relação. Apresenta, por isso, uma relação entre dois elementos distintos e independentes. No caso do universo metafísico tomasiano, a independência ontológica das criaturas em relação a Deus não é possível. Assim, está presente na participação uma relação de dependência assimétrica entre Deus e os entes. A insolubilidade da relação está, portanto, na dependência ou falta de autonomia das coisas para realizarem a sua própria existência.

Nessa, descrever a relação entre Deus e criação, entre gradações do real, ou do ser, como relações de dependência e semelhança assimétrica não é suficiente para explicar o profundo significado do termo. É necessário ir mais além destas conceções e procurar a razão desta ligação com relação à sujeição ontológica. Nesta, está presente a ideia de imanência: se nenhum outro ente tem a capacidade de sustentar a sua própria existência; se há algo que é necessariamente Ser e que sustenta a existência dos restantes existentes; então, este, tem de estar de alguma forma imanente nos outros.

Por outro lado, a analogia, ao entrar em contraposição com a predicação equivocada e unívoca, demonstra que a realidade tem um carácter não só comum, mas unitário, pois a analogia pretende respeitar quer a unidade quer a diversidade do ser.

Contudo, a analogia é estudada atualmente quase como um termo independente do seu contexto metafísico perdendo o seu carácter unitário.<sup>23</sup> Quer a analogia quer a

---

<sup>21</sup> Sancti Thomae de Aquino, "Liber I." Caput. 34 in *Summa Contra Gentiles* (1259/1260-1264/1265).

<sup>22</sup> Sancti Thomae de Aquino, "Liber I." Caput. 29 Em *Summa Contra Gentiles* (1259/1260-1264/1265).

<sup>23</sup> Rocca Gregory, "Creation ex nihilo' and the being of creatures: God's Creative Act and The Transcendence- Immanence Distinction in Aquinas." in *Divine Transcendence and Immanence in The*

participação carecem-se de integração na teorização sobre a transcendência e imanência de Deus. Aliás, estes conceitos pretendem articular a unidade e a multiplicidade pela presença transcendente de Deus nos entes. Não é adequado estudá-los sem estarem inseridos na dinâmica da transcendência.

#### **2.4. Objetivos**

Esta investigação tem três objetivos principais e outros intermédios e específicos.

O primeiro principal objetivo deste projeto é apurar a natureza do hiato ontológico entre Deus e criaturas estudando minuciosamente o seu princípio. Entender a razão desse hiato pela forma como Tomás de Aquino resolve e explica a relação entre a instância divina e a instância criada.

Para isto, procuram-se explicações nos textos do Aquinense para perceber se há ou não unidade entre uno e múltiplo, entre Deus e a criação, e se essa unidade entre os domínios do real pressupõe ou requer uma relação de transcendência e imanência. Portanto, apurar a maneira como o Aquinense demonstra estas relações.

Estas relações estão expressas de várias maneiras, como vimos, pela participação das coisas de Deus, e, por isso, pela semelhança/analogia. Também é possível estudar a questão do Uno estudando o ato de criação a partir dos atributos e ações divinos nele implícitos. Logo, analisar-se-ão estes elementos. Percebeu-se já, como será explicado a seguir, que o atributo intelectual divino é significativo para este estudo e ser-lhe-á dada prioridade. Estudar o conhecimento divino concerne ao segundo objetivo principal.

O terceiro objetivo é perceber se é adequada uma leitura unitária do cosmo tomasiano e porquê. Qual o limite de uma interpretação deste tipo? Neste caso, metafísica criacionista, qualquer apontamento de monismo deve ser o limite. Unidade e mesmidade/panteísmo não são sinónimos nem devem ser. Há uma clara distinção de estatuto e valor entre a criação e Deus. O que se pretende é superar a visão que remete para a exterioridade, e, por isso fragmentação da relação das coisas com Deus na doutrina tomasiana.<sup>24</sup> Deve demonstrar-se, ao contrário daquilo que é por norma saliente, a intimidade da relação pela sua relação unitária.

---

*Work of Thomas Aquinas*, de Harm Goris, Herwi Rikhof e Henk Schoot (Utrecht: Thomas Instituut te Utrecht, 2005).

<sup>24</sup> Rudi te Velde, "God and the Language of Participation." in *Divine Transcendence and Immanence in The Work of Thomas Aquinas* (Utrecht:Thomas Instituut te Utrecht, 2005).

Objetivos mais intermédios e específicos focam-se nos passos intermédios da investigação.

Mapear e perceber as influências diretas e indiretas que Tomás de Aquino teve ao longo do seu percurso filosófico. Definir bem as linhas de influência aristotélica, neoplatónica e árabe, e identificar autores não só referidos como autoridades por Tomás de Aquino, mas que exerceram claramente uma influência no modo como este pensa estas relações e que consequências tira para o resto da sua filosofia no geral.

De forma a entender de que maneira o intelecto divino conhece o múltiplo para apurar a natureza da relação de unidade entre uno e múltiplo, este projeto tem também como objetivo apurar a relação de identidade entre imaterialidade, inteligibilidade e causalidade. Estes princípios estão na génese do mundo, do ato criador. São também os pilares da sustentabilidade do cosmo. Por isso, deve entender-se a sua transversalidade ontológica e cosmológica na doutrina de Tomás de Aquino.

Também, pelo facto de estes três princípios se mostrarem não só idênticos, mas também contínuos, até que ponto essa continuidade pelos graus no real não pressupõe quer uma emanção quer uma imanência divinas. Quer isto dizer, que se procurará mostrar qual a natureza da relação entre unidade e pluralidade.

Como tal, deve também definir-se e confrontar-se a noção de criação *ex nihilo* com a de emanção, de modo que clarifiquem a relação de Deus com o múltiplo. No ato da criação está presente: por um lado, o surgimento do próprio múltiplo; por outro, estão implícitas ações e princípios racionais, portanto, um conhecimento prévio acerca daquilo que vai existir e em que condições. Por isso, este percurso entre a gnoseologia divina e a explicação da origem de tudo é tão fundamental para perceber a relação ontológica entre o domínio divino e o criado.

Pretende-se traduzir e comentar obras de relevo para o estudo metafísico de Tomás de Aquino, já que a tradução em português europeu é parca – os comentários que fez a obras de grande influência para a metafísica teológica em toda a idade média, tais como *Super librum De causis expositio*, *In librum B. Dionysii De divinis nominibus expositio*, *De hebdomadibus Boëthii* ou *De Trinitate Boëthii*, porque constituem a génese do trabalho original de Tomás de Aquino.

## 2.5. Desenvolvimento e abordagem: da noção de Uno/Múltiplo ao conhecimento divino

De um ponto de vista inicial, de forma a enquadrar bem as questões, o projeto deve ser acompanhado por uma procura sobre as influências diretas e indiretas que outros autores e obras tiveram no pensamento de Tomás de Aquino. Deve também identificar-se e situar-se na obra os textos nos quais Tomás de Aquino fala no problema do Uno e o relaciona e integra no seu sistema metafísico: *Quaestiones disputatae De veritate*, *Summa contra Gentiles*, *Sententia libri Metaphysicae*.

À medida que o projeto foi avançando, percebeu-se que a questão, apesar dos esforços, continuava demasiado ampla e que podia e devia ser abordada mais especificamente. Especializou-se a abordagem pelo estudo do conhecimento divino sobre a pluralidade.

A participação é sem dúvida uma descrição da relação ontológica entre Deus e as coisas. Porém, há vários atos divinos envolvidos quer na criação quer na sustentação do universo – o intelecto, a vontade,<sup>25</sup> e ação ou poder para o fazer. Estas são igualmente formas de relação com a criação, também elas ontológicas, pois estão na génese de tudo e definem a própria natureza do mundo. O conhecimento orienta a vontade e o ato de criar. Para São Tomás de Aquino a origem da criação, portanto, a natureza da ação criadora é de cariz intelectual, inequivocamente:

«Agora é manifesto que Deus causa as coisas pelo Seu intelecto, uma vez que o Seu ser é o Seu ato de compreensão; e, portanto, o seu conhecimento deve ser a causa das coisas, na medida em que a Sua vontade se une a ela. Daí o conhecimento de Deus como a causa das coisas é geralmente chamado de "conhecimento da aprovação».<sup>26</sup>

Deus é caracterizado, por Tomás de Aquino, como tendo uma natureza una, e infinita (mas não abordemos para já este aspeto); e a criação enquanto multiplicidade das formas, dos seres, das espécies. Então, a relação de Deus com as criaturas pode, sob este aspeto, ser descrito como uma relação pura de uno e múltiplo. Pode dizer-se

---

<sup>25</sup> Sempre que Tomás de Aquino decompõe, analisa e nomeia aspetos e atributos de Deus, respeita que são termos ainda assim insuficientes. Isto é algo que defende claramente. O Angélico frisa que é possível pensar e conhecer Deus, mas o pensamento e linguagem não são suficientemente perfeitos para descrever a realidade divina. Por isso, é extremamente difícil descrever um ser uno e perfeito quando se usam predicados e termos tão determinantes quanto os de vontade e intelecto.

<sup>26</sup> Sancti Thomae de Aquino, "Prima Pars." Questio 14, articulus 8, Em *Summa Theologiae*, 1267-1273.

que Deus, enquanto uno e causa primeira e única, criou a própria multiplicidade? Como é que um Ser de natureza e constituição una, a partir de um único ato intelectual e intencional cria várias coisas? Se Deus criou a partir do seu próprio conhecimento e da sua própria vontade, não havendo mais nada para além dele, então ele tinha de conhecer o próprio múltiplo e a razão pela qual criaria a pluralidade.<sup>27</sup>

Contudo, a noção matemática e quantitativa mostrou-se limitada, não sendo suficiente para explicar como é que do uno deriva a multiplicidade. Aliás, sugere até que deve haver outro elemento que relacionado matematicamente com o primeiro produzirão uma nova quantidade. Também se mostrou como um sistema de dados, chamado de “sistema de um para muitos”, faz relacionar um só elemento do grupo A com vários elementos do grupo B. No caso de um sistema metafísico que explica a origem pelo surgimento de tudo a partir de nada, a não ser do próprio Deus, ou Uno, a descrição quantitativa é insuficiente. Ambas as abordagens falham porque postulam muito bem que há uma relação, mas não chegam a fazer uma descrição da mesma. A razão disso é que é uma relação qualitativa quase pura.

Ou seja, uno e múltiplo são claramente noções quantitativas em si mesmas, mas não podem ter tido origem numa relação deste tipo, mas antes numa relação qualitativa. Tomás de Aquino é claro nisto:

«Since, as the philosophers teach, “the infinite accompanies quantity,” infinity cannot be attributed to God on the ground of multitude. For we have shown that there is only one God and that no composition of parts or accidents is found in Him. Nor, again, according to continuous quantity can God be called infinite, since we have shown that He is incorporeal. It remains, then, to investigate whether according to spiritual magnitude it befits God to be infinite».<sup>28</sup>

Para entender de forma precisa a relação que Deus mantém com as coisas, na medida em que é ser uno atendeu-se aos conceitos de uno e de múltiplo. Primeiro, como termos que remetem para noções quantitativas. O uno é um só, indivisível, uma unidade pura. A multiplicidade por sua vez é o conjunto ou agregação de várias

---

<sup>27</sup> O primeiro motor, então, deve ser apetecível como objeto de intelecto, e, portanto, o motor que deseja deve ser inteligente. Tanto mais, portanto, o primeiro apetecível será inteligente, uma vez que aquele que o deseja é inteligente em agir, ao ser-lhe associado como um inteligível. Aquino, Sancti Thomae de. "Liber I." Caput. 44 Em *Summa Contra Gentiles*, 1259/1260-1264/1265.

<sup>28</sup> Sancti Thomae de Aquino, "Liber I." Caput. 43 Em *Summa Contra Gentiles*, 1259/1260-1264/1265.

unidades. O problema do Uno – como é que o uno pode ser uno e múltiplo ao mesmo tempo - é um problema de indiscernibilidade, assim como a questão de como procedem as coisas do uno. Tomás de Aquino explica claramente que a procedência da pluralidade é uma questão de diversidade. O múltiplo é tudo aquilo que, ainda que contendo uma unidade intrínseca e sendo a semelhança um aspeto específico da essência de Deus (a perfeição, una e simples, matriz de todas as perfeições – essências – possíveis). Se Deus criasse algo absolutamente idêntico a si próprio, no fundo, não teria criado nada:

«Se, então, conhecendo a Sua essência, Deus conhece a natureza de ser de uma forma universal, segue-se que ele conhece a multitude. Mas a multitude não pode ser entendida sem distinção. Portanto, Deus sabe as coisas como são distintas umas das outras». <sup>29</sup>

Como é que nos é possível entender o porquê da procedência do múltiplo? Uma coisa é perceber o que distingue o uno do múltiplo, e o princípio que regula a procedência de um do outro, outra coisa é perceber porquê: qual a razão de criar fractais de uma coisa que por si só é perfeita. Quando falamos de descrições tomasianas de Deus devemos ter sempre em conta que é tudo elevado a infinito. Portanto, as noções de perfeição, de ato puro, de vontade, entre outros, excedem qualquer tentativa ou capacidade humana de os compreender plenamente. Aliás, qualquer coisa à qual se adicione “infinito” passa a auto exceder-se. Dizer que Deus é ato infinito, é dizer que a noção de ato tem de ser excedida. Também na física, para que uma partícula que se movimentasse naturalmente abaixo da velocidade da luz (que é o limite da velocidade na natureza) superasse [hipoteticamente] essa velocidade devia ser impulsionada por força infinita, assim como [hipoteticamente] uma partícula que se movesse acima da velocidade da luz para que reduzisse a velocidade também teria que lhe ser dado impulso infinito. A partícula passaria a exceder a sua velocidade natural, quer fosse ela acima ou abaixo do limite imposto pela própria natureza.

Voltando à questão da discernibilidade do múltiplo. Se o múltiplo procede por distinção, ele é múltiplo por diversidade, como é claro na citação anterior. Isto implica que haja um princípio racional que determina a regra da distinção. Tomás de Aquino

---

<sup>29</sup> Sancti Thomae de Aquino, Caput. 50 Em *Summa Contra Gentiles*.

elabora este argumento partindo do ponto de vista de há uma ordem na natureza, que é perceptível, clara e que quase se impõe à compreensão humana da natureza. Se essa ordem é real e bem entendida pelo ser humano então o mundo não pode ter uma origem caótica fruto do mero acaso. Essa ordem natural requer que haja um princípio racional do qual surgem as leis que regem as relações das coisas. Esta é a grande justificativa filosófica que conforma os atributos antropomórficos (pressupostos nas escrituras e impostos pelo poder clérigo) com a causalidade aristotélica, e que juntos formaram a definição tomasiana, e medieval, de Deus (desde o *Liber Causis*). Por isso, em termos filosóficos e metafísicos é imprescindível estudar os atributos divinos, neste caso o intelecto pelo seu papel incontornável no surgimento do mundo.

Seguindo daquilo que até aqui foi apresentado, para Deus concretizar a pluralidade tem de ter acerca dela um conhecimento. E põe-se a questão acerca daquilo que precede o aparecimento das coisas: que tipo de conhecimento é aquele que precede o aparecimento das coisas. Como é que Deus conhece previamente o múltiplo se ele é absolutamente uno e idêntico a si próprio? É compatível a unidade do conhecimento com a multiplicidade de objetos? Esta é a questão de relevo do capítulo 51-52 do primeiro livro da *Summa Contra Gentiles*.

O estudo do conhecimento do múltiplo pode ajudar a elucidar a forma como Tomás de Aquino articula a relação entre a unidade e a multiplicidade e a natureza real da relação entre Deus e a criação. Mas antes de se avançar com a doutrina do Angélico deve apontar-se algumas dificuldades quando se concebe que Deus criou a multiplicidade sem ser ele próprio múltiplo:

1. ou Deus conhece, ou não conhece a pluralidade.
  - 1.1. Conhece a multiplicidade e, por isso, tem alguma relação com ela
  - 1.2. Não conhece a multiplicidade e, portanto, mesmo que crie algo, é involuntário e destituído de relação posterior ao surgimento das coisas.
2. Deus pode conhecer a pluralidade previamente à criação, ou a par da criação.
  - 2.1. Se Deus tem um conhecimento onisciente e perfeito, deve conhecer previamente à criação das coisas (até porque na teologia a criação não é uma necessidade, mas uma contingência, por estar sujeita à escolha de Deus). Requer que não haja necessidade na criação, mas contingência.<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> Sancti Thomae de Aquino, Caput. 53 in *Summa Contra Gentiles*.

2.2. Se Deus conhece o múltiplo e as coisas enquanto múltiplas a partir do seu surgimento, então:

- a) ou o seu conhecimento é imperfeito, porque precisa que as coisas surjam para ter delas um conhecimento adequado – o que não faz grande sentido, porque a aleatoriedade da criação seria caótica e isto destruiria o sentido ordenado com o sistema tomasiano descreve a natureza.
- b) Ou conhece perfeitamente tudo, mas admite-se que as coisas existem sem início, temporal ou até de outro tipo (ontológico, etc).

Deus tem na sua essência a essência da multiplicidade tal como tem todas as outras, e esta tem de ser o princípio de haver todas as outras, na medida em que cada uma delas corresponde a uma perfeição particular pertencente à perfeição universal, cada uma é um fractal (se nos é permitido, usar o termo).<sup>31</sup> Se tem esta essência, conhece-a - e esta é a via pela qual Tomás de Aquino explica a possibilidade de Deus enquanto uno ter conhecimento de todas as outras coisas, previa e posteriormente.

Algumas destas questões devem manter-se em aberto, mesmo que a princípio pareçam totalmente solucionadas por Tomás de Aquino. As diferentes revisões ao texto do Angélico, na maioria das vezes e de forma admirável, mostram níveis de entendimento mais profundos e completos, por vezes obrigam até a refazer toda uma interpretação quase de raiz.

Tomás de Aquino explica que Deus conhece o múltiplo a partir de um ato pleno e perfeito de conhecimento, a partir de uma única essência. Essa essência contém a matriz de todas as outras essências, ou espécies, possíveis:

«Mais uma vez, aquele que conhece uma certa natureza sabe se essa natureza é transmissível. Aquele que não sabia que a natureza animal é transmissível a muitos não o saberia perfeitamente. Agora, a natureza divina é transmissível pela semelhança. Deus, portanto, sabe em quantos modos pode haver algo como a Sua essência. Mas as diversidades de formas surgem do facto de as coisas imitarem a essência divina de forma diversificada; e assim o Filósofo chamou

---

<sup>31</sup>Andrew Davison, *Participation in God - A Study in Christian Doctrine and Metaphysics* (Cambridge: Cambridge University Press, 2020).

uma forma natural de "algo divino". Portanto, Deus tem um conhecimento das coisas em termos das suas formas adequadas».<sup>32</sup>

As coisas surgiram e existem porque seguem uma matriz que define o modo de ser – a essência. As essências definem o ente segundo uma variação da própria essência divina. A essência divina contém em si, em unidade, todos os possíveis, incluindo os possíveis passíveis de existirem. Se Deus conhece as coisas, e nestas inclui-se distinção, multiplicidade e múltiplo enquanto conceito, então o conhecimento que Deus detém antes das coisas existirem, é um conhecimento de possibilidade.<sup>33</sup> Porém, nunca devemos esquecer, quando dissecamos conceitos neste âmbito da doutrina de Tomás de Aquino, que este concebe que Deus é absolutamente idêntico a si próprio. Isto requer que o conhecimento divino é infalivelmente idêntico à substância e essência divinas. Tal como o objeto do conhecimento divino, o intelecto e o meio pelo qual conhece também são idênticos, são Deus. Se assim for, então Deus é a própria possibilidade, é possibilidade pura. Esta ideia requer algumas demonstrações textuais e dialéticas agora em curso sobre as quais se pretende também publicar um artigo.

## **2.6. Previsões e conclusões possíveis**

Prevê-se que a investigação se desenvolva no sentido de apurar a relação ontológica entre uno e múltiplo pelo estabelecimento dos princípios gnosiológicos e ontológicos implicados no processo de conhecimento divino. Portanto, como é que se implicam um ao outro, já que o conhecimento humano parte do método empírico e de relação externa, pelos sentidos, com o mundo. Tudo aponta para que se entenda o conhecimento divino, na doutrina tomasiana, ao contrário do conhecimento humano, enquanto direto - feito por ligação ontológica, por meio da Sua própria essência. Isto terá, se assim for, repercussões grandes na forma como se lê Tomás de Aquino pela vertente teísta.

Poderá levar a considerar que a interpretação teísta e mais ortodoxa é até um pouco radical, porque não deixa antever esta ligação íntima e insolúvel entre Deus e o cosmo na metafísica de Tomás de Aquino. Talvez uma leitura panenteísta se apresente de facto como a mais adequada ao se compararem noções tradicionais de emanação e

---

<sup>32</sup> Sancti Thomae de Aquino, Caput. 50 in *Summa Contra Gentiles*.

<sup>33</sup> Gaven Kerr, *Aquinas and the Metaphysics of Creation* (New York: Oxford University Press, 2019).

criação *ex nihilo*, mostrando que as diferenças, no caso da definição tomasiana, não são assim tão proeminentes.

É preciso também demonstrar de que forma causalidade e intelecto ou conhecimento divinos coincidem, melhor, se identificam, e isto mostra-se pela definição de imaterialidade e atualidade. Desta maneira será possível fundamentar adequadamente a ideia de relação de unidade, e nunca de identidade, entre Deus e a realidade, ou seja, entre Uno e Múltiplo.

O estudo da natureza divina permitirá similarmente indicar o objeto próprio da ação divina e revelar superficialmente o estatuto da criação, já que a criação em si não é o objeto de estudo do projeto, mas Deus. Este estudo possibilitará também, a um nível colateral, a compreensão do limite do dualismo ortodoxo característico do hilemorfismo aristotélico-tomista, constituído por elementos como: forma e matéria, ato e potência.

O mais importante é delinear o limite de uma interpretação unitária, já que não é possível ler um monismo na teoria criacionista de Tomás de Aquino, nem é essa a intenção do estudo.

### **3. Detalhes Metodológicos**

#### **3.1. Fontes bibliográficas**

O núcleo bibliográfico está dividido em duas partes.

Uma parte corresponde às fontes que tratam a natureza de Deus e os seus atributos, e principalmente tratam a compatibilização entre a natureza una do divino e a multiplicidade do: *Summa Contra Gentiles* (1259/1260-1264/1265), Liber I/II; *Quaestiones disputatae De veritate* (1256/1259) e *Quaestiones disputatae De potentia* (1265/1266); e *Summa Theologiae, Prima Pars- De Deo Uno* (1267-1273).<sup>34</sup>

A segunda parte é constituída por obras que trabalham outros temas. *Expositio libri Boetii De ebdomadibus* (sem data ainda apurada mas seguramente é posterior aos outros comentários a Boécio<sup>35</sup>) é principalmente uma obra metafísica, e aborda o tema da participação; *Super Librum Dionysii De divinis nominibus*, do período entre 1261 a 1265 ou de 1265 a 1268, trata as questões dos nomes divinos, e também questões sobre a relação da unidade com a pluralidade, mas é principalmente um contributo

---

<sup>34</sup> J.-P Torrell, *Thomas d'Aquin Maître spirituel* (Paris – Fribourg: Vestigia Cerf - Editions universitaires de Fribourg, 1997).

<sup>35</sup> J.-P Torrell, *Thomas d'Aquin Maître spirituel* (Paris – Fribourg: Vestigia Cerf - Editions universitaires de Fribourg, 1997).

para o entendimento da importância do neoplatonismo no pensamento de Tomás de Aquino.

Outras obras do Angélico poderão ser consultadas, e.g., *De principiis naturae* (1252–1261) e *Sententia super Metaphysicam* (1270–71).

### **3.2. Metodologia, cronologia e local**

A pesquisa aqui apresentada passa por sete passos principais: i) pesquisa e leitura, ii) análise, iii) reunião e discussão de resultados, iv) construção da estrutura argumentativa e formulação interpretativa do modelo estudado, v) produção e publicação de recensões/artigos, vi) colóquios internacionais/nacionais, vii) produção/escrita da tese. Em relação à etapa iv há um outro passo que lhe é inerente, i.e., o teste à argumentação construída. Quanto à participação em colóquios nacionais e internacionais, conta-se participar quer como oradora quer como parte da comissão organizadora, podendo também vir a ser organizado um colóquio especificamente para a temática sobre a discussão acerca do uno e do múltiplo na metafísica medieval e sobre o conhecimento divino sobre o múltiplo. A escrita da tese passará por uma articulação dos resultados da pesquisa e da argumentação desenvolvida, seguir-se-á a organização de conteúdo e estruturação final do trabalho escrito, a redação e a revisão e correção do mesmo.

Este projeto tem a duração total de quatro anos, sendo que três, de janeiro de 2021 a dezembro de 2023, são financiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. A instituição de acolhimento é o Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O projeto é integrado na linha temática *Medieval & Early Modern Philosophy*.

### **3.3. Estrutura provisória do trabalho final**

A tese de doutoramento apresentará na introdução as motivações filosóficas para a realização da investigação, os procedimentos e os objetivos, a descrição da estrutura da tese e a indicação daquilo que se espera alcançar com este trabalho. Deverá seguir-se um primeiro capítulo com o mapeamento das questões abordadas (algumas já referidas neste artigo na secção «Pontos de partida e problemas»), também um enquadramento mais pormenorizado da investigação no estado da arte.

O restante corpo do desenvolvimento do tema deverá estar dividido em duas partes. A primeira introduzirá os conceitos estruturais, os grandes princípios

metafísicos a trabalhar: o que é o uno, o que é o múltiplo e a sua relação; que relação existe entre uno e infinito; se é possível descrever a relação entre unidade e pluralidade através da conceção de imanência e transcendência. Esta parte da tese deve ser uma discussão abrangente, sem se cingir a uma época da história da filosofia articulando as mais salientes ideias sobre o assunto, pode até incluir ideias interdisciplinares.

A segunda parte deverá situar-se na metafísica tomista, já que a discussão estará já delineada. Primeiro abrir-se-á a problemática da unidade cosmológica, e o assinalar de todos os elementos da doutrina tomasiana que contribuem para uma interpretação fragmentária do ponto de vista ontológico. Entretanto, serão devidamente explicadas as suas relações entre si e as razões pelas quais exprimem linhas de corte nas suas relações ontológicas. Explicar-se-á como é que as ideias de unidade e transcendência poderão auxiliar numa melhor compreensão destes componentes e do próprio cosmo tomasiano, ainda de uma maneira superficial introduzindo e justificando a abordagem que se considera adequada ao problema central. Ainda na segunda parte, serão discutidos os conceitos de participação superficialmente; serão elaborados os argumentos e pontos apresentados neste artigo sobre o que envolve o conhecimento divino e a relação de unidade que estabelece com as coisas com base na análise e demonstrações textuais, construindo novas pontes para o debate.

A terceira e última parte da tese deverá apresentar claramente os resultados, confrontá-los com leituras e comentários divergentes demonstrando a validade dos resultados e argumentos já enunciados e fundamentados na última parte da tese.

Seguir-se-á o fecho do trabalho escrito, onde serão apresentadas: as conclusões gerais; as questões que ficam em aberto, aquelas que precisam de reforço ou até mesmo reformulação, e as que se devem acrescentar ao debate futuro; que tipo de reformulações e formulações futuras de resposta se devem seguir; uma exposição clara sobre os contributos concretos do trabalho para a ciência e o conhecimento.